

Marina Silva, dos palanques às telas de cinema

Sandra Werneck filma a trajetória de lutas pessoais e ambientais da acreana que disputou a Presidência em 2010

Alexandre Guzanshe/Fotoarena/ 13-8-2010

Rodrigo Fonseca

Equacionar ecologia e política — com mais destaque para a preservação da natureza do que para a disputa pelo Palácio do Planalto — será o desafio da cineasta Sandra Werneck ao dirigir a ficção em longa-metragem “Marina e o tempo”. Ainda provisório, o título da cinebiografia de Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima, já em pré-produção, faz referência a episódios do passado da ex-senadora e ambientalista acreana, candidata à Presidência em 2010. Um passado que envolve alfabetização aos 16 anos, três hepatites, uma parceria profissional com o líder seringueiro Chico Mendes (1944-1988) e o sonho de se tornar a liderança democraticamente eleita do Brasil.

— Na vida de Marina, a noção de tempo é muito louca. Estamos falando de uma mulher que, quando mais jovem, andava de nove a dez horas por dia entre os seringais. Uma mulher crescida numa região onde a notícia da morte do presidente Kennedy só chegou cinco anos depois, numa revista velha — diz a realizadora de “Pequeno dicionário amoroso” (1997).

Filme pode custar R\$ 9 milhões

Sandra se articula para rodar em maio de 2012 o longa sobre Marina, cuja distribuição foi assegurada pela Downtown Filmes. Codiretora (com Walter Carvalho) do blockbuster “Cazuza — O tempo não para”, visto por 3.082.522 pagantes em 2004, a cineasta diz ter se comprometido com sua biografada a não participar de editais com o projeto, inspirado no livro “Marina, a vida por uma causa”, de Marília de Camargo Cesar. O orçamento, ainda não definido, pode chegar a R\$ 9 milhões por conta das viagens ao Acre.



MARINA SILVA (ao lado)

terá sua vida transformada em longa por Sandra Werneck (acima), diretora de “Pequeno dicionário amoroso”: filmagens começam em 2012

— Embora Marina não esteja mais ligada a nenhum cargo político e não tenha plano de candidatura anunciado, não pretendo inscrever o filme em editais públicos. Vou entrar em captação junto a empresas sem eles. Não quero fazer um filme político. Quero contar uma história de superação, priorizando a trajetória de Marina como mulher e seu envolvimento com questões ecológicas. Revendo meus filmes, percebi que estou sempre contando histórias que apontam para o futuro. Fiz “Meninas”, um documentário sobre jovens grávidas de periferia, para mostrar como está nascendo a próxima geração. Falar de ecologia é entender que mundo nossos filhos e nossos netos vão encontrar — explica Sandra, que espera ter Walter Car-

valho como fotógrafo do longa. — Seria um sonho. Tudo vai depender da agenda dele.

Ficções brasileiras sobre figuras associadas ao poder passaram a ser encaradas com maior cautela pelo mercado cinematográfico nacional após o atribulado desempenho comercial de “Lula, o filho do Brasil” (2010). Rechaçado por uma ala considerável da crítica e por analistas políticos, o longa de Fábio Barreto viu sua ambição de igualar ou superar os 5.319.677 pagantes contabilizados por “2 filhos de Francisco” (2005) resumir-se a uma bilheteria de cerca de 850 mil ingressos vendidos.

— Em “Marina e o tempo”, eu não pretendo abordar as eleições para a Presidência de 2010. E não há laço político entre a personagem e o governo

atual — diz Sandra, que assume ter votado em Marina no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010. — Antes da votação, eu estava envolvida com um outro projeto, chamado “O lugar do desejo”, quando vi uma entrevista da Marina no “Programa do Jô”. Estava completamente sem tesão para política quando a ouvi falar, deixando transparecer sua luta para sobreviver, sua relação com o Acre, seu olhar para a luta ecológica. No dia seguinte, comprei o livro sobre ela e decidi que levaria sua vida às telas. Foram quase seis meses de negociação.

Segundo Sandra, Marina tinha um lado reticente acerca do projeto:

— Ela não queria se expor. Mas chegou a me dizer: “Tem

50% de mim que querem o filme. Os outros 50% dependem da minha família.” E eu respondi: “Ok, Marina. Então eu não saio de Brasília enquanto não conhecer todos os membros da sua família.” Só saí de lá depois de conhecer um a um os parentes dela. Mas consegui seu apoio integral para o filme, que pode levantar uma reflexão acerca das mudanças do papel da mulher neste país — diz a cineasta, que vai contar com o envolvimento do diretor José Joffily, de “2 perdidos numa noite suja” (2002), na produção de “Marina e o tempo”.

Preparada para abrir testes para o elenco em julho deste ano, Sandra ainda não definiu quem vai interpretar Marina.

— Eu já tenho certeza de quem eu quero para o papel

de Chico Mendes: Wagner Moura. Em relação ao papel de Marina, ainda existe uma dúvida, embora eu já tenha pensado em uma série de nomes. Por um lado, existe a tentação de trabalhar com uma superatriz e maquiá-la. Por outro, existe a vontade de viver de novo a mesma experiência por que eu e o Walter passamos ao dirigir Daniel de Oliveira em “Cazuza”. Pegamos um jovem ator que não era conhecido, trabalhamos com ele, e Dani virou o que virou: um *graaaaaaaande* ator — diz Sandra. — Seria um desafio poder descobrir uma jovem e talentosa atriz, ter um ano para poder ensaiar com ela e transformá-la em uma grande intérprete. E eu costumo ser movida por desafios. ■

